

# EVOLUÇÃO E CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL: ANÁLISE RECENTE DO PET NO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DA UFMG<sup>1</sup>

## **Júlia Brant Araújo Pereira da Silva**

Graduanda em Ciências econômicas – UFMG

E-mail: [juliabrantaraujo@gmail.com](mailto:juliabrantaraujo@gmail.com)

## **Maria Carolina Corrêa de Miranda**

Graduanda em Ciências econômicas – UFMG

E-mail: [mariacarolinacmiranda@gmail.com](mailto:mariacarolinacmiranda@gmail.com)

## **Otávio de Souza Teixeira**

Graduando em Ciências econômicas – UFMG

E-mail: [otavioteixeira27@gmail.com](mailto:otavioteixeira27@gmail.com)

## **Giulia Fernandes Riggio**

Graduanda em Ciências econômicas – UFMG

E-mail: [giuliariggio925@gmail.com](mailto:giuliariggio925@gmail.com)

## **RESUMO**

O presente trabalho objetiva relatar a evolução do Programa de Educação Tutorial (PET) ao longo de sua existência e sumarizar os diversos estudos que analisaram as contribuições do Programa em distintas universidades e grupos. Por meio da avaliação das contribuições recentes do Programa no Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (FACE/UFMG), também é apresentado os impactos da atividade sobre o desenvolvimento profissional, acadêmico e pessoal de seus egressos.

**Palavras-chave:** Programa de Educação Tutorial. Ensino. Extensão. Pesquisa.

---

<sup>1</sup> Esse trabalho é resultado de pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Educação Tutorial do curso de Ciências Econômicas da UFMG, cujas bolsas são financiadas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Os autores agradecem à Profa. Márcia Rapini pela leitura de versões anteriores e valiosos comentários e sugestões. Eventuais erros e omissões são de exclusiva responsabilidade dos autores.

## ABSTRACT

The aim of the presente work is report the evolution of the Tutorial Education Program (PET) throughout its existence and summarize the various studies that analyzed the Program in diferente universities and groups. Through the evaluation of the Program's recent contributions to the Course of Economic Sciences at the Federal University of Minas Gerais (FACE / UFMG), the impacts of the activity on the professional, academic and personal development of its graduates are also presented.

**Keywords:** Tutorial Education Program. Education. Extension. Research.

## INTRODUÇÃO

O Programa de Educação Tutorial (PET), inicialmente denominado Programa Especial de Treinamento, foi criado em 1979 pelo diretor geral da CAPES Cláudio de Moura Castro, com o intuito de estimular a produção acadêmica nas universidades e a criação de líderes intelectuais. Segundo o seu criador, com a explosão da universidade pública nos anos 60/70, a educação superior brasileira carecia de enclaves de qualidade, assim, necessitando de métodos que permitissem a formação de lideranças no país (CASTRO, 200-, p.3). Desse modo, baseando-se no bem sucedido Sistema de Bolsas da FACE, no qual participara como discente, Castro empenhou-se em implementar de forma abrangente o programa, obtendo êxito ao ocupar a direção da CAPES.

O Programa está vinculado à Secretaria de Ensino Superior (SESu) do MEC desde 1999, e atualmente conta com 842 grupos distribuídos entre 121 Instituições de Ensino Superior. Entretanto, durante sua história, o PET sofreu com a possibilidade de extinção em inúmeros momentos; o que estimulou a realização frequente de avaliações que buscavam captar os impactos do Programa (MARTIN, 2005). Dessa forma, diversos trabalhos como os de Artuzo et al. (2012), Matos et al. (2010), Pizzinato et al. (2010) e Silva (2015) abordam os impactos do PET nas áreas de ensino, de pesquisa e de extensão, além das influências do Programa na trajetória profissional e acadêmica de seus egressos, a fim de demonstrar sua importância.

Neste contexto, o presente trabalho visa relatar a evolução do Programa ao longo de sua existência e sumarizar os diversos trabalhos que avaliaram as contribuições do Programa em distintas universidades e grupos. Ademais, será apresentada uma avaliação das contribuições

recentes do Programa no Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (FACE/UFMG) principalmente sobre o desenvolvimento profissional, acadêmico e pessoal de seus egressos.

## HISTÓRIA DO SISTEMA DE BOLSAS NA FACE

A Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) da UFMG foi fundada em 20 de dezembro de 1941 como entidade privada, com o nome de Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Minas Gerais. O professor Yvon Leite Magalhães Pinto foi um dos fundadores e um dos primeiros professores da faculdade, além de ter ocupado a diretoria entre os anos de 1946 e 1960. Como diretor, ambicionava tornar a recém inaugurada instituição de ensino em um verdadeiro instituto de educação e pesquisa. Entretanto, nesse período, o corpo docente da faculdade era ainda pouco especializado nas disciplinas ofertadas (CASTRO, 200-, p.4), o que não permitia um desenvolvimento acadêmico expressivo dos discentes.

Em 1948, a faculdade foi incorporada à Universidade de Minas Gerais e, mais tarde, em 16 de dezembro de 1949, juntamente com a Universidade de Minas Gerais, foi transformada em estabelecimento federal de ensino. Essas mudanças resultaram no aumento de verba da instituição (CASTRO, 200-, p.3), o que possibilitava novos projetos.

Neste contexto, o professor Yvon Leite Magalhães Pinto elaborou um programa que, baseado em experiências de universidades americanas e inglesas, objetivava a elevação do nível de ensino, a renovação do corpo docente e a criação do setor de pesquisa. Destarte, por intermédio de uma comissão de docentes, foram selecionados de cada turma alunos que se destacavam intelectualmente, a fim de que eles se dedicassem integralmente aos estudos, pagando-lhes auxílios mensais (CORRÊA, 2006). Desse modo, originou-se o projeto do sistema de bolsas da FACE, iniciativa inovadora para época.

A medida criou divergência entre os professores. Alguns eram favoráveis enquanto outros não viam necessidade de bolsas, visto que a instituição já era gratuita (CORRÊA, 2006). Além disso, havia uma problemática em relação a como seria financiado o Programa. A solução encontrada, neste momento inicial, foi financiar parte das bolsas pelo orçamento da FACE e parte por iniciativa privada de empresas belo-horizontinas (CASTRO, 200-, p.3). Com isso, em junho de 1954, o regulamento do Sistema de Bolsas foi aprovado e instituído.

O Programa de Bolsas, ao ser efetivamente implantado, atraiu estudantes de alto nível (CASTRO, p.4, 200-). Ademais, o caráter interdisciplinar do sistema entre as áreas lecionadas

na FACE (Economia, Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Administração Pública e Sociologia Política) gerou um enriquecimento tanto acadêmico quanto político; o que permitiu a criação de uma geração atuante na esfera pública (CORRÊA, 2006).

O Sistema de Bolsas, em pouco tempo de existência, apresentou resultados positivo. Em 1962, a faculdade organizou um concurso para escolher as melhores monografias para participarem do Primeiro Congresso de Estudantes de Economia. Os dois escolhidos, Edmar Bacha e Claudio de Moura Castro, eram bolsistas e ambos se destacaram no Congresso. Posteriormente, o trabalho de Edmar chegou a ganhar um prêmio nacional (CASTRO, 200-, p.4). Outrossim, surgiu neste período o primeiro programa de pós-graduação em Economia, o Centro de Aperfeiçoamento de Economistas (CAE) da Fundação Getúlio Vargas. Nota-se que são aprovados, em sua maioria, mineiros bolsistas do Sistema de Bolsas, o que expôs uma expressividade do programa na área da Economia (CASTRO, 200-, p.4).

Dessa forma, quando os primeiros bolsistas se formaram, o professor Yvon Magalhães os contratou como professores (CASTRO, 200-, p.4). Isto posto, inicia-se uma renovação do corpo docente da FACE, com acadêmicos mais especializados e capacitados para manter o ciclo de estudos e pesquisas na instituição. Ademais, a faculdade implantou também o Corpo Técnico de Pesquisa, a fim de garantir a dedicação integral desses professores às atividades de ensino, de pesquisas e de estudo (CORRÊA, 2006).

Verifica-se, assim, que o Sistema de Bolsas da Faculdade de Ciências Econômicas foi uma importante experiência de ensino de tempo integral, com papel pioneiro na pesquisa universitária do Brasil. Além disso, o programa fomentava a responsabilidade social, política e cidadã de seus integrantes (CORRÊA, 2006).

## **EVOLUÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL**

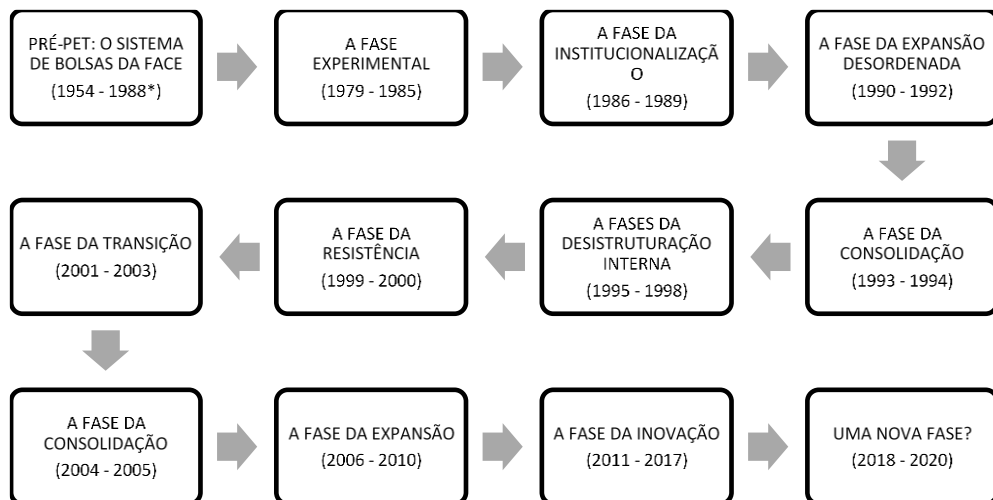
Dentre os egressos do Sistema de Bolsas da FACE estava Cláudio Moura e Castro. Convencido pelos resultados que tinha observado, e pela própria experiência, implantou em âmbito nacional um sistema de bolsas para a formação qualificada de estudantes de graduação, inicialmente denominado Programa Especial de Treinamento (PET). Tal processo foi possibilitado pelo fato de o professor ter sido nomeado, em 1979, para a diretoria da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (CASTRO, 200-; SILVA et al., 2004; CORRÊA, 2006).

Conforme registrado por Castro (CASTRO, 200–, p.6), o núcleo inicial do PET foi formado por “cinco ou seis cursos”, “dois foram escolhidos pela facilidade de começar (...) Economia da PUC/RIO e a Economia da UnB (...) Direito por ser então uma área enguiçada (...) e Engenharia Florestal, no Mato Grosso, por ser área nova”. Além de seguir os moldes do “sistema de bolsas”, surge a figura do professor tutor “em mãos de quem estaria o Programa”.

Em seus quarenta e um anos de existência, o PET, evoluiu no “mais inovador e eficiente Programa de qualificação da formação acadêmica do ensino de Graduação brasileiro” (MELO FILHO, 2019, p.33). Em sua trajetória enfrentou diversas crises, foi avaliado várias vezes e venceu tentativas de extinção. Esse processo pode ser dividido em fases, as quais são apresentadas no diagrama 01 e expostas na sequência, a fim de traçar uma linha do tempo do Programa.

A linha histórica que será proposta nesse artigo se firma nas discussões postas por Dessen (1995), Müller (2003), Côrrea (2006), Martins (2008) e Melo Filho (2019). Maria Auxiliadora Dessen, durante sua trajetória acadêmica prestou serviços à CAPES e esteve no gerenciamento do PET quando ele ainda era Programa Especial de Treinamento. Angélica Müller foi bolsista do PET e esteve envolvida nas militâncias em defesa do Programa. Alline Fernandes Corrêa foi bolsista do PET e em parceria com Celina Borges Lemos, tutora do grupo PET

**Diagrama 01 – As fases do Programa de Educação Tutorial**



Elaboração própria a partir de: Dessen (1995), Müller (2003), Côrrea (2006), Martins (2008) e Melo Filho (2019).

\*1988 ano em que o Sistema de Bolsas foi incorporado ao PET

Arquitetura da UFMG, desenvolveu extensa pesquisa sobre a história do programa e seu legado, em especial na instituição à qual pertencem. Iguatemy Lucena Martins participou da gestão da SESu/MEC entre 2005 e 2007. José Fernandes Melo Filho é tutor grupo PET Agronomia da UFRB (2008 – atual) e seu trabalho compila a trajetória do Programa, bem como contribui para o entendimento do PET após 2000.

Entre 1979 e 1985, o PET, viveu sua primeira fase, denominada de “fase experimental” (DESSEN, 1995; MARTIN, 2005; MELO FILHO, 2019). Nesse período os grupos foram formados, por convite direto da CAPES, em instituições de ensino que possuíam unidades de pesquisa e Pós-Graduação em desenvolvimento e expansão (DESSEN, 1995; CÔRREA, 2006). Dessen (1995), Müller (2003) e Martin (2005) chamam a atenção para a ausência de controle sobre o Programa (orientações, relatórios, etc.); o que levou a CAPES a propor a desativação do PET.

Contudo, foi realizada uma avaliação interna em 1984 e os resultados “mostraram o reconhecimento do aumento de desempenho acadêmico dos bolsistas por parte dos tutores e reconhecimento por parte dos bolsistas de seu progresso cultural e intelectual, suprimindo as deficiências da graduação” (MARTIN, 2005, p. 10).

Diante dos bons resultados, foi proposta uma reformulação do Programa e a CAPES optou por mantê-lo e investir em sua ampliação. Em março de 1985, foi implementado na Escola de Arquitetura da UFMG o primeiro grupo PET do estado de Minas Gerais (CÔRREA, 2006).

Durante a segunda fase do Programa, ocorrida entre 1986 e 1989 e denominada de “fase da institucionalização”, o PET passou por reformulações. Destaca-se o trabalho realizado pela CAPES para a conscientização da importância da aproximação dos grupos com as pró-reitorias de pós-graduação (CÔRREA, 2006), de forma a viabilizar a expansão do Programa sem prejuízo para sua gestão (MARTIN, 2005; MELO FILHO, 2019).

A institucionalização do PET foi oficializada com a publicação do Manual de Orientações Básicas – 1988, MOB-1988 (MARTIN, 2005; MELO FILHO, 2019). Neste documento foi estabelecido o número máximo de doze alunos por grupo, modelo adotado até os dias atuais. No mesmo manual, estava prevista a elaboração semestral de plano de atividades e relatório de cada grupo que seriam enviados à pró-reitoria de cada Instituição de Ensino Superior (IES) e à CAPES. Foi também no ano de 1988 que o Sistema de Bolsas da FACE foi incorporado ao PET (CÔRREA, 2006).

Entre os anos de 1990 e 1992 a CAPES optou pela expansão do programa via significativo aumento do número de grupos. Nessa terceira fase, denominada de “expansão desordenada” (DESSEN, 1995), ocorreu o fortalecimento da institucionalização dos grupos nas

universidades e a atualização do MOB (1991/1992), que trouxe alguns pré-requisitos para ingresso e permanência no Programa.

Martin (2005) e Melo Filho (2019) destacam que o Programa passou de 77 grupos em 1990 para 237 grupos em 1992. Todavia, a expansão do número de grupos foi mal planejada, acarretando dificuldades de gerenciamento por parte da CAPES (por exemplo, a avaliação dos grupos foi suprimida em 1990 e 1991, e voltaria a ser realizada apenas em 1992). Foi em 1992 que os PETs da FACE (Economia, Administração e Contábeis) criaram conjuntamente a Empresa Júnior (CÔRREA, 2006), hoje denominada UFMG Consultoria Júnior (UCJ), atualmente desvinculada do Programa.

Durante a quarta fase (1993–1994), o PET viveu um período de reorganização que foi denominada pelos trabalhos de “fase de consolidação” (DESSEN, 1995; MARTIN, 2005; MELO FILHO, 2019). O período foi marcado pelo restabelecimento da “produtividade e qualidade do desempenho dos grupos, em consonância com a concepção filosófica, objetivos, características, estrutura e funcionamento do PET” (DESSEN, 1995). Nessa fase, grupos com desempenho insuficiente foram fechados e novos grupos foram abertos.

Em julho de 1994, os PETs da FACE foram desativados por não atenderem às orientações da CAPES. O PET Economia, especificamente, por focar em demasia no “excelente desempenho acadêmico (individual)” em detrimento das atividades coletivas, herança do Sistema de Bolsas (CÔRREA, 2006).

Melo Filho (2019, p.41) destaca que a fase de consolidação deixou como legado a “priorização no aperfeiçoamento do sistema de acompanhamento dos grupos, melhorias significativas na gestão (...), ajuste e correção das ações dos grupos que destoavam da filosofia do Programa”. Tal processo foi conduzido por novos gestores do PET que também elaboraram um novo MOB, publicado em 1995 (MARTIN, 2005). Naquele ano, após vários trâmites internos e comunicação com a CAPES, os grupos dos cursos de Administração e Economia foram reincorporados ao Programa (CÔRREA, 2006).

Entre os anos de 1995 e 1998 ocorreu a quinta fase, nomeada de “desestruturação interna”. Sob uma nova orientação política, a CAPES considerou o MOB-1995 insatisfatório, bem como várias diretrizes do Programa (MARTIN, 2005). O número de bolsas por grupo foi reduzido em 50%, as bolsas para tutores foram extintas, o custeio dos grupos foi suspenso e foi sinalizada a possível extinção do Programa (MARTIN, 2005; CÔRREA, 2006; MELO FILHO, 2019).

Corrêa (2006, p.90) aponta que nesse período “os grupos PET UFMG decidiram conjuntamente preservarem o número de alunos, socializando entre si a verba das bolsas”,

inclusive com os tutores. Ainda segundo a autora, professores tradicionalmente ligados ao Sistema de Bolsas na FACE procuraram junto à diretoria da unidade a possibilidade de a instituição complementar as bolsas de seus alunos e tutores com verba própria; o que não foi necessário visto as decisões posteriores tomadas pela CAPES e pelo Ministério da Educação (MEC).

Em 1997, com o intuito de justificar a extinção do Programa, foi encomendado ao Núcleo de Pesquisa do Ensino Superior da Universidade de São Paulo uma avaliação do PET. A professora Elizabeth Balbachevsky foi responsável por coordenar os estudos e os resultados foram publicados em 1998 (MARTIN, 2005; CÔRREA, 2006; MELO FILHO, 2019). Mesmo sendo muito positivos a CAPES considerou os resultados da pesquisa insuficientes e determinou outra avaliação<sup>2</sup>.

Em 1998, a CAPES realizou uma nova avaliação, mais abrangente que a anterior. A Comissão de Avaliação do Programa Especial de Treinamento acompanhou a execução das atividades dos grupos PETs de 16 instituições de ensino superior elegidas aleatoriamente em todo país. Foram analisados 144 PETs que representavam 45% do total de grupos cadastrados no Programa. Realizou-se um estudo qualitativo focado em quatro quesitos centrais: *atividades permanentes e relevantes voltadas para a graduação, para a pesquisa, para a extensão e impacto na grade curricular*. A cada uma destas áreas foi atribuído um conceito: *deficiente, regular, bom, muito bom e excelente*. Os resultados obtidos eram compatíveis aos da professora Balbachevsky, comprovando a conformidade do PET com os objetivos do programa (MARTIN, 2005; CÔRREA, 2006).

Não obstante os resultados favoráveis das avaliações externas, no dia 01 de março de 1999 a CAPES emitiu o ofício circular 030/99 para todas as IES do país determinando o fim das atividades do PET e o encerramento de suas atividades até 31 de dezembro de 1999 (MELO FILHO, 2019).

Resultante da desativação do Programa proposta pela CAPES, inicia-se um novo período, o sexto, que Melo Filho (2019) define como a “fase da resistência”, cujas principais características foram a capacidade de mobilização política e o surgimento de lideranças no âmbito da educação superior brasileira<sup>3</sup> (MARTIN, 2005; BALAU-ROQUE, 2012; MELO FILHO, 2019). Seguiremos aqui a linha histórica proposta por Melo Filho (2019), que divide o período entre 1999 e 2003 em duas fases: “Resistência” (1999 – 2000) e “Transição” (2001 – 2003);

<sup>2</sup> Sobre as avaliações externas recomendamos a leitura de Balbachevsky (1998) e de Martin (2005).

<sup>3</sup> Sobre o movimento de resistência recomendamos a leitura de Neves (2003).



Martins (2008) engloba o período em uma única fase denominando-o de “Institucionalização”; Müller (2003) denomina esse período de “Articulação em Defesa do PET”.

Durante esse período, ocorreram intensas manifestações e audiências públicas, além de apoio formal de diversas sociedades científicas. Todo esse processo foi reforçado por um forte apoio do Congresso Nacional à causa da manutenção do PET (MÜLLER, 2003; NEVES, 2003; MELO FILHO, 2019). Diante da pressão imposta pelo movimento, em 11 de novembro de 1999, o MEC assinou ofício circular onde era suspensa a decisão de encerrar as atividades do PET, incorporando-o à Secretaria de Ensino Superior (SESu). Contudo, em 2000 o MEC anunciou um novo desejo de extinguir o PET (MELO FILHO, 2019). A mobilização ainda era muito consistente e, com a mediação da Câmara dos Deputados, o PET foi mantido, dando início a uma nova fase (MARTIN, 2005).

A reformulação do Programa deu início a uma nova fase, a sétima, que Melo Filho (2019) denominou de “fase da transição”. Durante essa fase, a SESu apresentou o documento intitulado “Programas de Apoio às Instituições Federais de Ensino Superior” no qual foram apresentadas as propostas de reestruturação do Programa (MARTIN, 2005), sua implementação significaria a desestruturação do Programa<sup>4</sup>. Contudo, Melo Filho (2019, p.47) destaca a “maturidade histórica já adquirida pelo movimento”, tendo a comunidade petiana rejeitado as propostas, mantendo-se na luta pela manutenção do PET em seu formato original.

Próximo ao final desse período, a SESu aprovou o MOB-2002, além de publicar uma série de portarias com as diretrizes do Programa. Ademais, ocorreu o surgimento de emendas parlamentares no orçamento da união destinadas à provisão de recursos para a manutenção do PET e ao pagamento das bolsas. Surgiu também a primeira tentativa de transformar o Programa em uma política pública de educação com a apresentação de Projeto de Lei, no qual instituiu o PET como programa educacional permanente (MARTIN, 2005; CÔRREA, 2006; MELO FILHO, 2019).

Vale ressaltar que entre os anos de 2001 e 2002, na UFMG, dada as instabilidades no Programa, os grupos foram continuados com recursos do Programa de Aprimoramento Discente (PAD), criado em 1993 na Universidade e inspirado no PET, porém com diversas peculiaridades dentre as quais o menor número de bolsas. Contudo, dos PETs originais, apenas

---

<sup>4</sup> “Estas informações podem ser vistas no Ofício Circular no 56/2001/GAB/SESu/MEC. Cada grupo se comporia por 7 bolsistas; as atividades não abarcariam ensino, pesquisa e extensão; o objetivo central era melhorar a graduação, atendendo somente as licenciaturas; as Universidades particulares foram excluídas e a permanência máxima do bolsista seria de um ano” (MACEDO, 2017, p.38).

cinco sobreviviam no ano de 2002: Arquitetura, Administração, Ciências Sociais, Economia e Filosofia (CÔRREA, 2006).

Terminada a fase de transição, com melhora significativa na interlocução com o MEC, foi possível iniciar a oitava fase, “de consolidação” (2004–2005) – denominada assim por Martins (2008); já Melo Filho (2019) a denomina de “Institucionalização”. Optamos por seguir a nomenclatura proposta por Martins, uma vez que os fatos ocorridos no período consolidaram de fato a estrutura do Programa –, na qual o MEC fez a publicação de definições acerca do funcionamento administrativo, de avaliação, do acompanhamento e da unidade nacional do PET (MARTINS, 2008; MELO FILHO, 2019). Nessa fase, também foi mencionada pela primeira vez a concepção do PET enquanto “Programa de Educação Tutorial”, em vez de “Programa Especial de Treinamento” (CÔRREA, 2006).

Através do Edital MEC/SESU nº 3/2006, foi instalado o processo público de seleção de trinta novos grupos e para o qual se inscreveram mais de trezentas propostas, o que marcou o início da “fase da expansão”, a nona do Programa (MARTINS, 2008). O termo “fase da expansão”, com início em 2006, foi cunhado por Martins (2008); Melo Filho (2019) ampliou o período e o limitou em 2010.

Ao final desse período 427 novos grupos foram criados<sup>5</sup>. A nova expansão foi realizada de forma planejada, norteadas por dois princípios. O primeiro foi a de seleção de novos grupos para atender demandas específicas de saúde, meio ambiente e desenvolvimento urbano. O segundo foi o retorno das avaliações regulares (MARTIN, 2008; MELO FILHO, 2019).

Com o intuito de estimular melhorias no ensino superior do país, a expansão do PET procurou chegar de maneira mais concreta aos Estados que ainda não contavam com o Programa. Além disso, surgiu a possibilidade de inscrição de propostas por áreas temáticas atuais e relacionadas às políticas públicas (MARTINS, 2008; MELO FILHO, 2019).

Em 2010, a SESu efetuou uma série de ações para a solidificação das mudanças até então realizadas, iniciando a décima fase do Programa, denominada por Martin (2008) de “fase da inovação” – termo sobre as expectativas que a autora tinha quanto ao futuro do Programa. Optamos por manter tal nomenclatura em consideração às contribuições da professora, e gestora, em prol do movimento de diálogo e valorização do PET; vale ressaltar que a limitação do período (em 2017) é realizada por Melo Filho (2019) que denomina o referido período de “Reestruturação”. Foi nessa fase que ocorreu o último grande processo de

---

<sup>5</sup> Tal expansão foi realizada pela publicação de outros editais: 04/2007; 05/2008 e 05/2009 (MELO FILHO, 2019).

expansão do Programa e algumas modificações em sua filosofia (SILVA, 2015; MACEDO, 2017; MELO FILHO, 2019).

Dentre as mudanças, destacam-se a criação dos PETs interdisciplinares e o acolhimento, no âmbito do PET, dos grupos do Programa Conexões de Saberes. Também foram estabelecidos marcos legais de funcionamento, definindo, entre outras mudanças, o tempo de tutoria que passou a ser de seis anos. Foi também criado o SIGPET, sistema que possibilitou melhorias na gestão, embora ainda sejam necessários alguns ajustes (SILVA, 2015; MACEDO, 2017; MELO FILHO, 2019).

Foi nesse período que o PET assumiu sua dimensão atual formada por “842 grupos em 121 instituições de ensino superior federais, estaduais, municipais, públicas e privadas, com 9.348 estudantes” (MELO FILHO, 2019, p.51).

Nossas pesquisas não encontraram literatura suficiente para estabelecer o período pós 2017 como uma nova fase, ou como uma continuidade da fase iniciada em 2010. Contudo, dado o histórico do Programa de passar por reestruturações e ajustes, além das já citadas lutas empreendidas pela comunidade petiana, imaginamos que em um futuro próximo a história julgará o período atual como uma nova fase, não apenas para o Programa, mas também para toda a educação, em especial a de nível superior.

Atualmente, a UFMG possui 14 grupos PET, sendo eles: Administração, Agronomia, Arquitetura, Ciências Sociais, Conexões, Economia, Educação Física e Lazer, Engenharia Elétrica, Engenharia Florestal, Filosofia, Licenciatura em Educação do Campo, Matemática, Odontologia/Indígenas e Terapia Ocupacional (PROGRAMA, 201-). O programa é composto por atividades de ensino, pesquisa e extensão, e de caráter extracurricular. Ele é responsável por complementar a formação acadêmica dos alunos da UFMG de diversas áreas do conhecimento. Ademais, o projeto colabora com o desenvolvimento social, cultural, científico e acadêmico de diversas comunidades em Minas Gerais (PROGRAMA, 201-).

## **AVALIAÇÕES RECENTES DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL**

Diversos trabalhos buscaram avaliar as atividades desenvolvidas pelos grupos PETs e identificar suas contribuições para a trajetória dos bolsistas e para a comunidade acadêmica. Essa literatura nos ajuda a entender o programa em sua pluralidade e buscar superar possíveis fragilidades.

## Impactos no desempenho acadêmico

Ao se analisar diferentes estudos realizados com bolsistas do PET e egressos do Programa, percebe-se a contribuição do grupo na vida acadêmica dos jovens. Silva (2015) buscou entender os impactos do Programa na trajetória acadêmica e profissional dos ex-bolsistas. Aplicou-se um questionário com perguntas abertas e fechadas a 184 egressos do programa da Universidade Federal de Viçosa. Em relação ao impacto do Programa no rendimento escolar, 71,2% dos respondentes afirmaram que o programa contribuiu para seu desempenho universitário. Além disso, 95,7% dos egressos relataram que encontraram no PET elementos que não estavam presentes em seu curso de graduação. Quando questionados a respeito desses elementos, 15,2% dos egressos apontaram *atividades de extensão*, 18,7% destacaram *trabalho em equipe*, 14,8% responderam *incentivos à autonomia*, 13,4% *comprometimento com a comunidade local*, 11,4% *atividades de ensino* e 11,5% *atividades de pesquisa*.

Silva (2015) buscou entender também o impacto do Programa para os graduandos não bolsistas. Ao serem questionados se o PET contribuiu para a diminuição da evasão universitária em seus cursos, 74,9% dos egressos responderam que sim. Ao se perguntar a respeito do impacto do PET na elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação, 3,3% dos egressos marcaram a opção *pouco*, 8,7% *moderado*, 57% *muito* e 30,4% *total*. Nenhum dos 184 respondentes marcou a opção *nenhum*.

Noro et al. (2011) buscaram captar o impacto do Programa no desempenho dos bolsistas do PET dos cursos de Enfermagem, Odontologia e Medicina no Exame Nacional de Desempenho de Estudante (ENADE) de 2010, em comparação aos demais alunos. Foram analisadas as notas de 49.758 estudantes dos quais 761 eram membros do PET. Constatou-se que os membros do Programa tiveram um desempenho superior em todas as áreas da prova. A média global dos petianos foi de 55,48 pontos enquanto a dos demais estudantes foi de 50 pontos. A maior diferença de nota ocorreu na prova de Saúde Coletiva – média de 47,9 entre os bolsistas e 41,43 entre os demais alunos. Noro et al. (2011) destacam que uma das limitações do estudo é o fato de que, na época de sua realização, o PET-Saúde era um Programa novo na maioria das instituições. Apesar de seu pouco tempo de existência, o Programa conseguiu impactar positivamente a trajetória acadêmica dos bolsistas.

Santos (2018) realizou uma pesquisa com bolsistas do Programa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A autora avaliou estudantes do PET-curso, do Pet Conexões de

Saberes e do PET Interdisciplinar. Ao todo, 55 estudantes de 9 cursos distintos responderam um questionário que buscava avaliar suas experiências no PET. Os resultados revelam que 82% dos estudantes afirmaram que a entrada no Programa propiciou uma melhora no seu desempenho acadêmico. Verificou-se também que 45,5% dos bolsistas declararam que começaram a participar de eventos científicos, congressos e seminários. Além disso, 14,5% dos estudantes afirmaram que antes do Programa não tinham perspectiva de ingressar em programas de pós-graduação e, no momento do questionário, possuíam esse objetivo.

### **Contribuições para a comunidade acadêmica**

Os estudos avaliativos dos grupos PET apontam que uma das contribuições centrais do Programa é tornar os bolsistas sujeitos ativos na vida universitária. Percebe-se que os bolsistas atuam em diferentes âmbitos da universidade, interagindo de forma mais efetiva com o corpo docente e discente. Pizzinato et al. (2010) realizaram uma pesquisa de natureza qualitativa em que foram selecionados aleatoriamente 13 tutores da grande Porto Alegre para que estes respondessem perguntas a respeito de suas percepções do PET. O relato de diversos professores-tutores auxiliou a compreender os aspectos positivos e negativos do Programa. O primeiro ponto consensual entre os entrevistados foi a percepção de que o PET, dentre os demais programas oferecidos pela a universidade como monitorias e bolsas de iniciação, é aquele que permite ao aluno uma visão mais abrangente do curso, permitindo que o estudante escolha em que área deseja se especializar. “No Grupo PET, os bolsistas possuem muito mais liberdade do que teriam em um grupo de pesquisa” (tutor 11, 2009, p.122). Os professores apontam também que na tutoria os bolsistas estabelecem um vínculo maior com o corpo docente. “A relação horizontal que há nos grupos com os professores, por proporcionar mais contato de ambas as partes, se torna mais diversificada, e as pessoas se conhecem mais por inteiro” (tutor 9, 2009, p.121).

Silva (2015) aponta que os bolsistas do PET têm uma atuação ativa na universidade. Dentre os 184 respondentes de sua pesquisa, 133 alunos participaram de outros programas institucionais além do PET (32,2% de programas de extensão, 25,3% de monitorias, 31,2% de iniciações científicas e 11,25% de outras iniciativas).

### **Incentivo à especialização**

Uma questão presente na literatura a respeito dos grupos PET é a grande influência que o Programa possui na decisão dos alunos de se especializar e de seguir carreira acadêmica. Matos et al. (2010) analisaram a trajetória profissional e acadêmica de egressos do PET de 1993 a 2007 da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal da Bahia. Foi aplicado um questionário a 35 egressos do Programa. Dentre os respondentes, 77,1% cursam ou já cursaram algum curso de pós-graduação, sendo 37,1% mestrado, 25,7% especialização e 14,3% doutorado. Quando questionados a respeito da importância dos três pilares do PET – ensino, pesquisa e extensão – 87% dos bolsistas classificou o quesito ensino como  *muito importante* e 85,7% classificou o quesito pesquisa como  *muito importante*. O quesito extensão foi considerado  *muito importante* por 67,6% dos egressos.

Ao serem questionado a respeito da influência do PET em suas escolhas profissionais, 41,9% dos entrevistados afirmaram que o Programa contribuiu para a escolha e desenvolvimento da carreira acadêmica. Esses resultados revelam que, embora o PET tenha expandido seus objetivos e o escopo de suas atividades, ainda é um programa que fomenta a formação de docentes – objetivo do programa desde sua criação em 1954.

Silva (2015), em seu estudo mais abrangente, chegou a resultados semelhantes. Dentre os 184 respondentes, 79,9% dos egressos realizaram ou estão realizando pós-graduação - 17% especialização, 32,7 mestrado, 35% doutorado e 14,9% pós-doutorado. A autora enfatiza que:

Hoje, a filosofia do PET busca reverter o pensamento elitista da época em que foi criado, ainda como Programa Especial de Treinamento, quando visava unicamente o fortalecimento da pós-graduação brasileira. Apesar disso, a categoria pós-graduação continua sendo o caminho natural escolhido pelos petianos (SILVA, 2015, p.65).

Rigo et al. (2008) analisaram o papel do PET da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas na formação dos egressos. Foram aplicados questionários a 46 ex-bolsistas do Programa de 1991 a 2004. Dentre os respondentes 89% haviam realizado ou estavam realizando algum curso de pós-graduação (22 especialização, 15 mestrado e 4 doutorado). Verificou-se também, que 24% dos ex-bolsistas trabalhavam como docentes em instituições de ensino superior e 41% como professores do nível básico.

### **Impactos na vida profissional**

É possível verificar que o Programa de Educação Tutorial desenvolve habilidades e técnicas que contribuem para uma melhor inserção profissional de seus bolsistas no mercado de

trabalho. Silva (2015), ao analisar a trajetória profissional de 146 egressos, buscou conhecer a *área de atuação dos profissionais, o tempo para ingressar no primeiro emprego, a remuneração e a satisfação profissional* dos ex-bolsistas. Dentre os respondentes, 57,1% apenas trabalhavam, 22,3% trabalhavam e estudavam, 19,6% somente estudavam e 1,1% não trabalham nem estudavam.

Em relação ao tempo para ingressar no mercado de trabalho, 55,5% dos entrevistados demorou menos de 6 meses, 8,2% levou de 7 a 12 meses, 10,9% de 13 a 24 meses, 6,2% de 25 a 36 meses e 19,2% levou mais de 37 meses. Cabe destacar que desses 19,2% dos entrevistados, que levaram mais de 37 meses para entrar no mundo do trabalho, todos realizaram cursos de pós-graduação, seja em nível de mestrado ou de doutorado.

Em relação à remuneração dos bolsistas, considerou-se o salário mínimo do ano de 2014 cujo valor era 725 reais. Dentre os egressos, 5,5% recebiam até 2 salários mínimos, 28,8% recebiam de 3 a 6 salários, 26% recebiam de 7 a 10 salários, 21% de 11 a 14 salários, 12,3% de 15 a 18 salários, 2,75% recebiam de 19 a 22 salários e 3,45% recebiam mais de 23 salários. Em relação à área de atuação, 52,7% dos egressos estavam na *área educacional*, 4,1% na *área comercial*, 4,8% na *área industrial*, 17,8% na *prestação de serviço* e 19,2% em *demais áreas*.

Analisando a satisfação em relação ao trabalho, 48,4% dos egressos declaravam-se *muito satisfeitos*, 22,3% *totalmente satisfeitos*, 27,3% *moderadamente satisfeitos*, 1,6% *pouco satisfeitos* e 0,5% *nada satisfeitos*. Quando perguntados se o PET proporcionou um diferencial na formação profissional, 96,7% dos egressos responderam que sim. Além disso, 98,4% dos entrevistados afirmaram que desenvolveram habilidades importantes para formação profissional enquanto eram bolsistas do PET. Nos depoimentos dos egressos, sobressaem algumas competências desenvolvidas no programa:

“Como disse, a profissional que sou hoje, devo muito ao PET, principalmente ao espírito pró-ativo, a vontade de crescer, ajudar ao próximo, pesquisar, ensinar, etc.” (SILVA, entrevistado 16, 2015, p.70)

Balau Roque (2012) desenvolveu uma pesquisa de caráter qualitativo com estudantes de uma universidade pública paulista. No total, 30 bolsistas do PET – matriculados em 14 cursos diferentes – responderam a um questionário que buscava entender os impactos do programa. Os depoimentos recolhidos também apontam para a relevância das habilidades desenvolvidas no programa:

“Acredito que dentro do PET desenvolvemos habilidades que vão além da sala de aula, como falar em público, resolver problemas práticos, trabalhar em grupo, capacidade de liderança. Realizamos dinâmicas e palestras semanalmente que nos ajuda a desenvolver nosso senso crítico. Creio que todos esses processos ajudam no amadurecimento pessoal e, conseqüentemente num sucesso profissional.” (BALAU-ROQUE, entrevistado 21, 2012, p.55)

“É impossível estar no PET e não, pelo menos, exercitar o relacionamento interpessoal. A maioria das atividades é realizada em grupo, o que estimula não só o diálogo, como também a capacidade de liderança. Além do relacionamento com os demais petianos, também temos um relacionamento mais intenso com os outros alunos, funcionários, professores, comunidade do que alguém que não faz parte de um programa semelhante ao PET.” (BALAU-ROQUE, entrevistado 3, 2012, p.60)

### **Equilíbrio entre ensino, pesquisa e extensão**

Um dos maiores desafios dos grupos PET é conseguir equilibrar seus pilares: ensino, pesquisa e extensão. Ao se analisar as atividades desenvolvidas por diferentes grupos, percebe-se que a maioria apresenta uma tendência em realizar certo tipo de atividade. Esse fato é frequentemente explicável por características próprias do curso de graduação em que programa está inserido. Artuzo et al. (2012) buscaram entender a tríade ensino/pesquisa/extensão do ponto de vista funcional. Com esse intuito, foi aplicado um questionário com perguntas abertas a 20 membros do PET da Universidade Federal de Santa Maria (campi Frederico Westphalen) dos cursos de Enfermagem e Agronomia.

Verificou-se que, embora os dois grupos defendessem o equilíbrio entre os pilares do programa, um deles acabava sendo privilegiado. No grupo PET Agronomia, as atividades de ensino se destacavam. Os motivos apontados pelos membros são: facilidade de execução, visibilidade que proporciona ao grupo dentro da universidade e a grande demanda por parte da comunidade acadêmica. Os respondentes destacaram ainda que encontram dificuldade em realizar atividades de extensão. Dentre os motivos mencionados pelos bolsistas, estão as dificuldades de se comunicar com os produtores rurais e de se deslocar até eles.

Quando foram analisadas as respostas dos bolsistas do PET Enfermagem, observou-se a situação inversa. Eles indicaram que quase todas as suas ações estão no campo da extensão. Eles destacaram a facilidade de execução, a visibilidade proporcionada pelo grupo e a demanda por parte de escolas e instituições de saúde. Os entrevistados apontaram que é um



grande desafio realizar atividade de ensino, pois se sentem ineficazes em atrair a participação do corpo acadêmico.

Pizzinato et al. (2010) destacam que tutores, sobretudo das áreas das ciências exatas, relatam dificuldade em exercer atividade de extensão propriamente dita. Nesses grupos, ocorria um predomínio das atividades de pesquisa. Silva (2015), ao entrevistar egressos do PET do curso de Odontologia da Universidade Federal de Viçosa, percebeu também certa dificuldade do grupo em realizar atividades de extensão. Dentre os respondentes, 22,4% disseram nunca ter participado de atividades de cunho social quando eram membros do Programa.

Embora muito grupos tenham dificuldade em realizar atividades de extensão, dada a natureza dos cursos aos quais estão vinculados, outros PETs procuram ativamente realizar tais atividades e encontram empecilhos. Rosin, Golçalves e Hidalgo (2017) descrevem e avaliam as atividades realizadas pelos grupos PET da Universidade Estadual de Maringá. Eles relatam que existe grande dificuldade em realizar atividades de extensão continuada, uma vez que há pouco ou nenhum apoio governamental. Como exemplo, é descrito o projeto conjunto dos grupos PET da UEM com três cooperativas de material recicláveis da Maringá. O projeto, idealizado e executado como uma ação coletiva dos grupos, contou com diversas atividades dentre elas: aulas em escolas e condomínios a respeito da reciclagem; palestras sobre segurança no trabalho para coletores; campanhas de vacinação contra tétano, hepatite B e febre amarela; confecção de detergentes; alfabetização de membros da cooperativa entre outras. Contudo, o projeto foi inviabilizado por falta de apoio municipal e políticas públicas para a reciclagem. A falta de caminhões acabou provocando o fim das próprias cooperativas.

Tonini et al. (2016), ao avaliarem atividades realizadas por grupos PET dos cursos de engenharia, relatam episódios semelhantes. O grupo PET do curso de Engenharia Ambiental e Sanitária do CEFET/MG desenvolveu um amplo projeto que visava divulgar e desenvolver tecnologias ambientais. Algumas das ações realizadas foram: construção de composteiras para os Campus I e II, construção de jardins verticais, aulas de educação ambiental, campanha de desperdício zero de água, avaliação das condições das ETA da Copasa. Todavia, muitas das atividades não tiveram prosseguimento em função da dificuldade na obtenção de recursos.

### **Processo tutorial**

Uma questão frequentemente levantada por bolsistas e tutores é a dificuldade em se definir o que é o PET. Por ser um programa original, diferente de outras atividades universitárias como iniciações científicas e programas de extensão, não é trivial entender quais são seus objetivos e quais são as funções dos bolsistas e dos tutores. O entendimento do PET varia de acordo com a instituição e com o curso em que ele está inserido. Isso não é necessariamente um aspecto negativo, pois uma das características do Programa é oferecer flexibilidade e permitir que as atividades sejam concebidas a partir dos anseios das comunidades acadêmicas.

Artuzo et al. (2012) ressaltam certa dificuldade por parte dos bolsistas novatos em ter clareza das atividades que deveriam realizar. Ao analisar as respostas dos membros do programa a respeito de sua visão do PET antes de integrá-lo, percebe-se que a maioria tinha ideias equivocadas ou não sabia o que exatamente era o Programa. Alguns declararam que imaginavam que a função do grupo era promover eventos científicos. Outros disseram que, embora não soubessem o real objetivo do PET, buscavam melhorar seu currículo.

O processo de educação tutorial defendido pelo programa é uma proposta, muitas vezes, nova e desafiadora para alunos e professores. Pizzinato et al. (2010), ao analisarem as respostas dos tutores a respeito do conceito de educação tutorial, destacam que há dificuldade em defini-lo de forma simples. A maioria recorreu à própria prática para construir uma definição. Alguns elementos presentes nas respostas eram a ideia de que a educação tutorial é construída nas práticas cotidianas, a noção de que este é um processo horizontal e compartilhado e a percepção de que o foco está no aluno e não no conteúdo.

### **Dificuldade de implementação**

O PET, por ser um programa fruto das necessidades e singularidades de cada curso, pode apresentar desafios na sua implementação. A falta de diretrizes e normas rígidas - que posteriormente torna-se um aspecto positivo - no primeiro momento, pode dificultar a criação de um novo grupo. Matos et al. (2010) detectam que membros dos primeiros grupos PET de seus cursos sentiam-se um pouco perdidos em relação ao programa, como coloca o depoimento de um egresso:

“Naquele momento, por ser um programa recente, os objetivos não estavam bem claros. Em minha opinião, o PET não foi capaz de estimular o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela ética, pela cidadania e pela função social da educação superior. No

entanto, sem o programa eu não teria despertado para a docência e para a pesquisa científica” (MATOS, 2010, p.5)

Apesar dos desafios iniciais, o próprio acúmulo de experiências propicia o amadurecimento do grupo. Com o tempo, os objetivos e as expectativas dos bolsistas tornam-se mais claros e suas atividades mais assertivas.

## **METODOLOGIA**

A fim de investigar os impactos que o PET do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (FACE/UFMG) exerceu sobre o desenvolvimento profissional e pessoal de seus egressos, foi elaborado um questionário através da plataforma virtual *Google Forms*, de utilização gratuita. O questionário foi encaminhado aos endereços eletrônicos dos ex-bolsistas. Foi mantido o anonimato dos respondentes.

As perguntas foram elaboradas com o objetivo de averiguar o perfil dos egressos, o tempo de permanência no programa, o ingresso na pós-graduação, sua trajetória profissional e suas percepções quanto às contribuições do Programa. O questionário foi anexado ao fim do artigo (Anexo 1). Optou-se por questões objetivas e questões abertas, para que os respondentes pudessem expressar-se com maior liberdade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os dados foram coletados no período de março a maio de 2018, totalizando 23 respostas de egressos do Programa de Educação Tutorial da FACE/UFMG do período de 2006 a 2016.

Para facilitar a análise dos dados coletados pelo questionário, os resultados serão apresentados em 4 agrupamentos: 1) perfil dos estudantes petianos e localização temporal dos respondentes, 2) impactos acadêmicos, 3) impactos profissionais, e 4) período de permanência no programa.

### **Perfil dos estudantes petianos e localização temporal dos respondentes**

Dentre os respondentes, o egresso do PET mais antigo que respondeu ao questionário, entrou no curso de Ciências Econômicas no primeiro semestre de 2006, e o mais recente no

primeiro semestre de 2016. A maioria dos egressos que responderam ao questionário entrou na Faculdade de Ciências Econômicas nos anos de 2007 e de 2008, quatro bolsistas em cada ano. Em relação ao ano de ingresso no PET, a maior parte dos respondentes entrou no Programa nos anos de 2006 e 2008 (6 e 4 alunos respectivamente). Em relação ao ano de formatura dos respondentes, o egresso mais antigo formou-se em 2010 e o mais recente em 2019. Sendo assim, os alunos que participaram da pesquisa integram um período de aproximadamente 14 anos.

A média de tempo que estes alunos permaneceram na graduação é de 9,2 semestres, período superior ao estimado para o curso de Ciências Econômicas - que é de 8 períodos. Dos 23 alunos, 30% concluíram sua graduação em 4 anos. Isso evidencia que é comum entre os alunos exceder os 8 semestres, dado confirmado pela pesquisa com egressos do Curso de Ciências Econômicas que vem sendo realizada desde 2019.

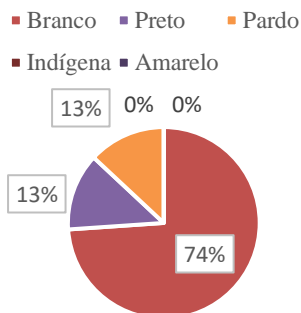
Em relação ao perfil dos respondentes, 60,9% dos egressos declararam-se do sexo feminino. Dentre elas, 85% declararam-se brancas. Dentre os ex-integrantes do sexo masculino (39,1% do total), há mais diversidade racial, porém, a maioria também se declara branca (55%). Mesmo que o contingente de respostas não consiga absorver completamente a composição dos integrantes do Programa no período, dentre as respostas houve a predominância de alunos e alunas brancos.

Debres et al. (2012) ao pesquisarem sobre a dinâmica de funcionamento do PET dos cursos de Enfermagem e Agronomia da Universidade Federal de Santa Maria, verificaram a predominância do sexo feminino no curso de Enfermagem e do sexo masculino no curso de Agronomia. Tal situação foi justificada pela configuração tradicional percebida nos cursos de Enfermagem e de Agronomia, em que o primeiro geralmente conta com maior participação do sexo feminino e o segundo do sexo masculino. Embora nos cursos presenciais de Ciências Econômicas verifique-se uma maior quantidade de estudantes do sexo masculino - 59% dos estudantes conforme o Relatório síntese de área de Ciências Econômicas (BRASIL, 2018) - na presente pesquisa, as petianas foram as que mais responderam.

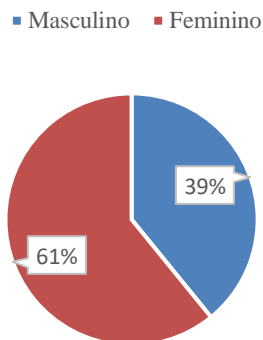
Ademais, de acordo com o Relatório síntese de área de Ciências Econômicas (BRASIL, 2018), a maioria dos alunos do curso de Ciências Econômicas declarava-se branca (60,8% do total de estudantes). Ao se analisar o modo de ingresso de estudantes declarados pretos, pardos ou indígenas, observa-se que a maioria ingressou por meio de políticas afirmativas ou de inclusão social. Percebe-se, portanto, a importância das cotas enquanto instrumento de diversidade.

Fonte: Elaboração própria a partir de pesquisa primária.

Fonte: Elaboração própria a partir de pesquisa primária.

**Gráfico 1. Porcentagem de petianos de acordo com a cor/raça declarada**

Fonte: Elaboração própria a partir de pesquisa primária.

**Gráfico 2. Porcentagem de petianos de acordo com o sexo**

### Impactos acadêmicos

A influência do PET na trajetória acadêmica de seus egressos é expressiva. Dentre os respondentes, apenas 4 de 23 afirmaram que não estão cursando ou não cursaram algum curso de pós-graduação. O restante apresentou inserção na pós-graduação em seus diversos níveis (visualização na tabela 1), e em diversas instituições, tanto nacionais quanto internacionais: UFMG, FGV, USP, UFRJ, UNICAMP, IED, University of Cambridge, SOAS University of London, New School for Social Research, Universidade de Heidelberg, Universidade de Göttingen, Harvard, Yale.

A inserção em programas de pós-graduação é uma tendência amplamente observada quando se analisa a influência do Programa sobre seus egressos. Rigo et al. (2008), ao investigarem os impactos do Programa sobre os ex-petianos da ESEF/UFPel<sup>6</sup>, observaram essa tendência e enfatizaram que o contato e a experiência com pesquisa durante a graduação são fatores significativos para o ingresso na pós-graduação. Percebe-se essa mesma influência na pesquisa de Silva (2015)<sup>7</sup>, em que 79,9% dos ex-petianos entrevistados realizaram ou estavam

<sup>6</sup> A sigla refere-se à Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

<sup>7</sup> Silva analisa a inserção profissional dos egressos do PET nos cursos de Administração, Biologia, Economia Doméstica e Nutrição da UFV (Universidade Federal de Viçosa).

**Tabela 1.** Frequência de egressos do PET que estão ou estavam cursando alguma pós graduação segundo os programas de pós-graduação

Doutorado	10
Mestrado acadêmico	12
Mestrado profissional	1
Especialização	1

Fonte: Elaboração própria a partir de pesquisa primária, (n=19).

realizando pós-graduação, levando-a a afirmar que “pós-graduação continua sendo o caminho natural escolhido pelos petianos” (SILVA, 2015, p.65).

A maioria dos respondentes que realizaram cursos de pós-graduação especializou-se em subáreas da Ciência Econômica como Microeconomia Aplicada, Desenvolvimento Econômico, Marketing/Branding, Business Analytics, Desenvolvimento da América Latina, Economia Política e História do Pensamento Econômico. Houve também aqueles que se adentraram em outras áreas como História, Geografia, Arquitetura e Urbanismo, Administração Pública e Educação. Dessa forma, nota-se uma gama diversificada de áreas nas quais os ex-petianos escolheram sua pós-graduação.

### Impactos profissionais

Os impactos do PET na vida profissional dos egressos não são tão marcantes quanto seus impactos na trajetória acadêmica. Dentre os respondentes, 52,1% tiveram alguma experiência profissional. Em relação à situação profissional atual desses egressos, 8 afirmaram estar trabalhando em sua área de interesse (sendo que 3 deles também estão cursando pós-graduação e/ou cursos de aperfeiçoamento profissional), 2 declararam que estão trabalhando, mas buscam por reposicionamento profissional, 1 declarou estar apenas cursando pós-graduação e/ou cursos de aperfeiçoamento profissional e 1 está estudando para concurso público ou seleção de programa de pós-graduação.

Dentre os 47,9% dos respondentes que não tiveram nenhuma experiência profissional, apenas 27% não cursaram ou estão cursando alguma pós-graduação. Sendo assim, um possível fator para que esses ex-petianos estejam fora do mercado de trabalho é sua dedicação à pós-

graduação. Essa perspectiva pode ser encontrada no estudo de Silva (2015) que afirma que a demora para a entrada no mercado de trabalho está relacionada à opção pela realização da pós-graduação.

Dentre os respondentes que estão no mercado de trabalho, 58,3% estão no setor privado, 33,3% no setor público e 8% em organizações não governamentais. Em relação ao nível de remuneração dos respondentes, 25% recebem de 1 a 3 mil reais, 25% de 4 a 6 mil reais, 25% de 7 a 9 mil reais e 25% 9 mil reais ou mais. Diante disso, infere-se um padrão médio a alto de remuneração para os ex-petianos. Ainda levando em consideração o estudo de Silva (2015), a alta remuneração também é observada nos cursos analisados em sua pesquisa, em que 39,7% dos egressos se encontravam nas classes A e B – de acordo como critério de estratificação social do IBGE.

A pesquisa optou por abrir um espaço de maior subjetividade para que os ex-petianos pudessem expressar livremente suas percepções das contribuições do Programa. Daqueles que tiveram experiências profissionais, todos afirmam que o PET contribuiu para suas carreiras. Os pontos positivos ressaltados foram: o desenvolvimento crítico, uma melhor facilidade em trabalhar em grupo, iniciativa, o incentivo à produção e imersão na produção acadêmica e treinamento do processo de escrita. Alguns dos depoimentos foram transcritos abaixo:

“Capacidade de trabalhar em grupo e fazer projetos coletivos acontecerem, coordenando vários atores. Raciocínio científico e capacidade de discutir.” (P7)<sup>8</sup>

“As atividades do PET me incentivaram a dedicar tempo e esforço aos estudos na graduação, além de ampliar as minhas experiências na universidade. Além disso, as discussões com colegas e professores e a participação em seminários (financiadas pelo PET) foram fundamentais para aumentar meu interesse pela pesquisa acadêmica.” (P15)

“Contribuíram para eu me tornar um ser humano mais completo e, principalmente as atividades de extensão foram muito valorizadas nos processos seletivos que participei.” (P19)

“O PET me tornou uma profissional muito flexível, com capacidade de investigar problemas em altos níveis de complexidade e realizar diferentes tarefas ao mesmo tempo [...]” (P23)

Fica evidente a contribuição do Programa principalmente em atividades de cunho acadêmico, como a escrita e capacidade crítica, mas também em outros aspectos como o

---

<sup>8</sup>O termo Pn - sendo “n” um número - indica o Petiano e seu respectivo número na pesquisa.

trabalho em grupo. Portanto, o PET se apresenta como um programa capaz de influenciar tanto aspectos pessoais, quanto profissionais.

Ao se questionar sobre as contribuições do Programa para a experiência na Universidade, das 23 respostas coletadas na pesquisa – sendo que havia possibilidade dos respondentes selecionarem mais de uma opção - observou-se que 95,6% dos egressos declararam “experiência com pesquisa e produção acadêmica”, 78,2% “melhor integração no ambiente universitário”, 78,2% “convivência propícia ao desenvolvimento acadêmico e pessoal, 34,7% “engajamento com atividades de extensão e 26% “melhor aprendizado do conteúdo das disciplinas. Ainda houve dois petianos que na opção “outros” relataram a contribuição do PET na formação cultural, com o maior contato com “livros, fontes, filmes, músicas, café, etc.” (P12) e “contato com professores do departamento e auxílio para uma formação crítica e plural” (P9).

Rosin, Golçalves e Hidalgo (2017) enfatizam o papel do PET enquanto programa capaz de promover a formação individual de qualidade; o que abrange consciência crítica e compreensão da responsabilidade social inerente à trajetória pessoal. Logo, diante dos depoimentos recolhidos, é perceptível a atuação do Programa no crescimento dos indivíduos em aspectos, profissionais, pessoais e culturais.

Embora os impactos abranjam os três pilares do PET - ensino, pesquisa e extensão - a pesquisa aparece de maneira enfática quando são analisadas as contribuições do Programa. Dessa forma, destaca-se a tendência às atividades acadêmicas.

“A experiência no PET contribuiu para desenvolver as habilidades de estudo, pesquisa e escrita, bem como estimularam minha autonomia na produção acadêmica. Ainda, o convívio com os colegas contribuiu para a construção de um pensamento crítico de uma forma mais enfática do que penso que poderia ter ocorrido se não tivesse feito parte do grupo. Porém, a falta de experiência profissional em estágios e demais bolsas de iniciação científica (desenvolvendo pesquisas em andamento com um grupo maior) se mostrou uma grande fraqueza no mercado de trabalho, após a conclusão do curso [...]” (P18)

De acordo com Drebes (2012), muitas das diferenças de direcionamento e de atividades desenvolvidas pelos grupos PET originam-se de características intrínsecas ao próprio curso de graduação onde o PET está inserido. Dessa maneira, o foco em determinada atividade, quando se olha para a tríade pesquisa, ensino e extensão, é algo comum entre os grupos.

### **Periodicidade de permanência no Programa**



Em relação ao tempo de permanência no Programa, observa-se que 47,8% dos respondentes afirmaram ter saído do programa antes do tempo estimado (fim da graduação), e 52,2% mantiveram-se até o fim. Entre os respondentes que saíram do programa antes de sua formatura, o tempo médio de permanência no PET foi de 2 anos. Em relação à saída precoce do Programa, a tabela 2 reuniu as justificativas dos respondentes.

As justificativas mais frequentes foram: “desejo de ter outras experiências profissionais e/ou acadêmicas” e “remuneração”. Dois egressos marcaram a opção “outros” e deram como motivos: “Oportunidade de trabalhar apenas com pesquisa” (P23) e “A bolsa de IC [iniciação científica] me permitiu focar exclusivamente na pesquisa no último ano” (P3).

Balau-Roque (2012) destaca alguns aspectos negativos apontados pelos petianos em sua pesquisa. Dentre eles estão: o excesso de atividades exigidas pelo curso e pelo PET como agravante para o tempo disponível para estudo e outras atividades da graduação (50% dos respondentes) e a impossibilidade de realizar outras atividades acadêmicas como iniciação científica e estágios (13,33% dos respondentes).

**Tabela 2.** Frequência e porcentagem dos motivos para saída precoce do programa

	Frequência	Porcentagem
Desejo de ter outras experiências profissionais ou acadêmicas	6	54,5
Remuneração	4	36,3
Dificuldade em cumprir todas as atividades exigidas no programa	2	18,1
Dificuldade em cumprir as exigências de desempenho acadêmico do programa	2	18,1
Perda de interesse no programa	1	9
Problemas de relacionamento com os colegas do programa	2	18,1
Outros	2	18,1

Fonte: Elaboração própria a partir de pesquisa primária, (N = 11)

O aspecto “remuneração” razão de saída precoce do Programa da Economia da UFMG, foi um fator presente em outras pesquisas, mas como um incentivo. Silva (2015), ao

analisar os motivos de ingresso no programa, evidencia que 23,1% dos petianos foram incentivados pela bolsa concedida pelo PET, ressaltando sua importância enquanto política de inclusão social. Já Debres et al. (2012), embora declararam não poder afirmar que a bolsa seja determinante para o ingresso no Programa, destacam que ela é um elemento de incentivo e definição da permanência.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou relatar a evolução do Programa de Educação Tutorial ao longo de sua existência, além de realizar uma revisão da literatura que discutiu e avaliou as contribuições do PET em diversas áreas e universidades do país. Foi apresentada também uma avaliação dos impactos do PET no Curso de Ciências Econômicas da FACE/UFMG, em especial sobre o desenvolvimento profissional, acadêmico e pessoal de seus egressos.

As diversas avaliações do Programa demonstram os excelentes impactos no desempenho acadêmico individual do bolsista, bem como as contribuições do grupo para a comunidade acadêmica com um todo, através das múltiplas atividades executadas pelos petianos. Os estudos também destacam a importância do Programa para as atividades de pesquisa nas instituições.

Este trabalho apresentou também os resultados de uma pesquisa realizada com egressos do Programa de 2006 a 2018. Os resultados vão ao encontro aos demais estudos realizados em outros Programas de várias universidades. O trabalho em equipe e a execução de projetos coletivos foram aspectos valorizados como positivos pelos ex-bolsistas, bem como o desenvolvimento de senso crítico e o favorecimento de um maior envolvimento na vida acadêmica. Seguindo a herança de sua criação, a pós-graduação tem sido um caminho natural dos petianos do curso de Economia da UFMG.

A comunidade também é fortemente beneficiada pelo Programa, visto as atividades de extensão que capilarizam o conhecimento produzido na academia. O Programa, desta forma, contempla a tríade universitária: ensino-pesquisa-extensão. Ademais, os bolsistas contam com a orientação do professor tutor, figura chave para o bom desenvolvimento das atividades dos grupos PET.

O embrião do PET foi criado no Curso de Ciências Econômicas da UFMG há 66 anos e ao longo de sua história, o programa, provou interferir beneficentemente na sociedade, uma vez que através das atividades executadas, seus membros desenvolvem (e são imbuídos de)

liderança, competência técnica, criatividade, trabalho em equipe e capacidade de lidar com situações complexas. Não apenas seus integrantes são beneficiados, mas todos aqueles que têm contato com o Programa também o são, seja a própria academia ou a comunidade externa.

## REFERÊNCIAS

ARTUZO, Felipe *et al.* A Dinâmica do Programa de Educação Tutorial (PET). **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 8, ed. 15, p. 2334-2351, 2012.

BALAU-ROQUE, M. M. (2012) **A experiência no Programa de Educação Tutorial (PET)** e a formação do estudante no ensino superior. 119p. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNICAMP, Campinas / SP.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Relatório síntese de área: Ciências Econômicas**. Brasília: Inep, 2019.

CASTRO, C. de M. (200—) **O PET visto por seu criador**. Ensaio. Disponível em: <[http://www.pet-odonto.ufpr.br/pet\\_claudiocastro.pdf](http://www.pet-odonto.ufpr.br/pet_claudiocastro.pdf)>. Acesso em: junho de 2020

CORRÊA, Alline Fernandes (2006) **PET UFMG 1985-2005: seu legado e sua história**. Monografia. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG.

DEBRES, Laila Mayara *et al.* A Dinâmica do Programa de Educação Tutorial (PET). **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v.8, n.15, p. 2334-2351. 2012.

DESSEN, M. A. (1995) O Programa Especial de Treinamento – PET: evolução e perspectivas futuras. **Didática**, v. 30, p.27-43.

ROSIN, Sheila Maria; GONÇALVES, Antônio Carlos Andrade; HIDALGO, Mirian Marubayashi. Programa de Educação Tutorial: lutas e conquistas. **Revista Communications and Innovations Gazette**, v. 1, n. 3, p. 70-79, 2017.

MACEDO, A. S. (2017) **Desvendando os sentidos atribuídos por egressos do PETMAT/UFMG à atividade pedagógica do professor de matemática.** 231p. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática.) – UFG, Goiânia / GO.

MARTIN, M. da G. M. (2005) **O Programa de educação Tutorial:** Formação ampla na graduação. 96p. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFP, Curitiba / PR.

MARTINS, I. L. (2008) **Educação tutorial no Ensino Presencial:** uma análise sobre o PET. In: PET Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília: Ministério da Educação.

MATOS, Mariângela *et al.* Impacto do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal da Bahia na formação profissional dos seus ex-bolsistas. **Revista de Pós-Graduação**, São paulo, v. 17, ed. 3, p. 1-9, 2010.

MELO FILHO, José F. (2019) Programa De Educação Tutorial: trajetória, desafios e articulações. **Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial** - Três Lagoas/MS - vol. 1, n. 1, p. 33-56

MÜLLER, A. (2003) **Qualidade no Ensino Superior:** a luta em defesa do Programa especial de treinamento. Rio de Janeiro: Editora Garamond.

NEVES, M. C. D. (2003) **PET:** correspondência de uma guerra particular. Maringá: Editora Massoni/ LCV Edições.

NORO, Luiz Roberto Augusto *et al.* PET - Saúde como indutor da formação profissional para o Sistema Único de Saúde. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2017, vol.22, n.3, pp.997-1004. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017223.15822016>.

PIZZINATO, Adolfo *et al.* A educação tutorial – reflexão de docentes sobre suas práticas. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 39, ed. 25, p. 108-130, 2010.

PROGRAMA de educação tutorial. **UFMG**. Disponível em: <https://ufmg.br/vida-academica/programa-de-educacao-tutorial>.(S.l: s.n., 201- ). Acesso em junho de 2020.

RIGO, Luiz Carlos *et al.* Conhecimento, formação e memórias discentes: um estudo a partir do PET/ESEF. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 03, p. 71-85, set./dez. de 2008.

SANTOS, Elisângela Santana dos. **O que é que o PET tem?** Salvador: [s. n.], 2018.

SILVA, M. L. G. R. da (2015) **Inserção profissional dos egressos dos Programas de Educação Tutorial (PET) em administração, biologia, economia doméstica e nutrição da UFV**. 171p. Dissertação (Mestrado em Administração) – UFV, Viçosa / MG

SILVA, Núbia C. *et al.* (2004) Meio século do Sistema de Bolsas. Seção Opinião. **Boletim Informativo da UFMG**. Nº 1462 Ano 31.

TONINI, Adriana Maria *et al.* Desafios da educação em engenharia: Formação acadêmica e atuação profissional, Práticas Pedagógicas e Laboratórios Remotos. **ABENGE**, Natal, p. 126-166, 16 out. 201

Artigo submetido em julho de 2020 e aprovado em setembro de 2020